



Salvador é uma das 15 metrópoles do Brasil e junto com outras nove cidades de sua região metropolitana, influencia todo o território baiano, diz o IBGE

NARA GENTIL

Salvador, a 'influencer' que define a Bahia

Pesquisa indica que a capital é uma das 15 metrópoles de maior ascendência territorial

Estado tem 2º maior deslocamento médio

A Bahia tem o 2º maior deslocamento médio do Nordeste para acesso a bens e serviços: 124 quilômetros. O estado é muito centralizado em regiões específicas. A maior distância é para atendimento médico complexo. Na região, o estado fica

abaixo apenas do Maranhão (139 km) e está acima da média nacional (107 km).

Mariana Viveiros explica que essa distância média é dada em linha reta. Por isso a distância pode ser maior.

No estado, a maior distância é a percorrida para con-

Vinicius Nascimento*

REPORTAGEM
vinicius.nascimento@redebahia.com.br

A Bahia segue muito dependente do 'Arranjo Populacional de Salvador', uma das 15 metrópoles do Brasil. O dado foi divulgado ontem pela pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse Arranjo Populacional (AP) é formado pela capital e outros 9 municípios da Região Metropolitana: Camaçari, Candeias, Dias d'Ávila, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé e Simões Filho.

Os resultados e análises da REGIC podem servir de insumo para a decisão sobre a lo-

seguir internações hospitalares, cirurgias, tomografias e tratamentos de câncer – 213 km em média. Em seguida, vem a distância para acessar um aeroporto: 200 km (2a do NE e 7a do país).

É o caso da professora Maria das Dores, que por mais

calização de unidades de órgãos públicos, de filiais de empresas e para identificação de locais mais adequados regionalmente ao atendimento de serviços de saúde e educação, por exemplo.

Outro ponto que a pesquisa, realizada em 2018, traz é que três cidades baianas tiveram um crescimento hierárquico notável, ganharam mais influência e ajudam a descentralizar os serviços no estado, que ainda tem influência grande de Salvador.

"Quanto mais capitais regionais o estado tem, mais descentralizado. Mostra que você tem ali um território fora da capital que é importante, que divide influência e evita, por exemplo, que você faça grandes deslocamentos para ter acesso a serviços e a bens", explica Mariana Viveiros, analista de Dados do IBGE,

CRESCIMENTO

Entre 2007 e 2018, Itabuna e Eunápolis tornaram-se capitais regionais e Luís Eduardo Magalhães foi a cidade baiana que mais subiu na hierarquia, passando de centro local a centro sub-regional. Com isso, a Bahia passou de 4 para 6 capitais regionais.

A grande maioria das cidades baianas manteve a mesma classificação que tinha na REGIC divulgada em 2007: 90% não mudaram de hierarquia, o que, segundo o IBGE, indica estabilidade geral da rede urbana no estado.

O caso de maior ascensão hierárquica foi o de Luís Eduardo Magalhães, que em 2007 era centro local e foi classificado, em 2018, como centro sub-regional, tendo influência inclusive em cidades de outros estados, como Taguatinga, em Tocantins.

"Luís Eduardo se desenvolveu muito por conta da agricultura. É um grande centro produtor de commodities, mas tem outras produções bastante diversificadas. Foi uma cidade que ganhou importância e aí puxa empresas, unidades de poder público e influencia cidades vizinhas", aponta Mariana Viveiros.

Na Bahia também há casos como Barreiras, no oeste, que sofre mais influência de Brasília, no Distrito Federal, do que de Salvador.

A hierarquia dos centros urbanos é dividida em cinco níveis principais: metrópoles, capitais regionais, centros sub-regionais, centros de zona e centros locais.

*COM A SUPERVISÃO DA SUBEDITORA CLARISSA PACHECO.

ENTENDA OS TERMOS:

● **Metrópoles** Os 15 principais centros urbanos, dos quais todas as cidades existentes no país recebem influência direta, seja de uma ou mais metrópoles simultaneamente. A região de influência dessas centralidades é ampla e cobre toda a extensão territorial do país, com áreas de sobreposição em determinados contatos;

● **Capitais Regionais** São os 97 centros urbanos com alta concentração de atividades de gestão, mas com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrópoles;

● **Centros Sub-Regionais** Neste terceiro nível hierárquico, as 352 cidades possuem atividades de gestão menos complexas, com áreas de influência de menor extensão que as das capitais regionais. São também cidades de menor porte populacional, com média nacional de 85 mil habitantes;

● **Centros de Zona** As 398 cidades classificadas no quarto nível da hierarquia urbana caracterizam-se por menores níveis de atividade de gestão, polarizando um número inferior de cidades vizinhas em virtude da atração direta da população por comércio e serviços baseada nas relações de proximidade;

● **Centros Locais** O último nível hierárquico define-se pelas 4.037 cidades brasileiras que exercem influência restrita aos próprios limites territoriais, podendo atrair população moradora de outras cidades para temas específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra cidade. Apresentam fraca centralidade em suas atividades empresariais e de gestão pública, tendo outros centros urbanos de maior hierarquia como referência para atividades cotidianas de compras e serviços de sua população, bem como acesso a atividades do poder público e dinâmica empresarial.

VITÓRIA, FLORIANÓPOLIS E CAMPINAS SÃO AS NOVAS METRÓPOLES DO PAÍS

Elevadas Vitória (ES), Florianópolis (SC) e Campinas (SP) passaram à condição de metrópole, segundo a pesquisa Regiões de Influência das Cidades (Regic), divulgada ontem pelo IBGE. Com a ascensão de Campinas, único município que não é uma capital estadual, São Paulo se tornou a primeira unidade da federação a ter duas metrópoles. Segundo o IBGE, as três cidades atingiram o nível de metrópole por terem elevado o número de empresas e instituições públicas, atraindo pessoas de outras cidades para acessarem bens e serviços.